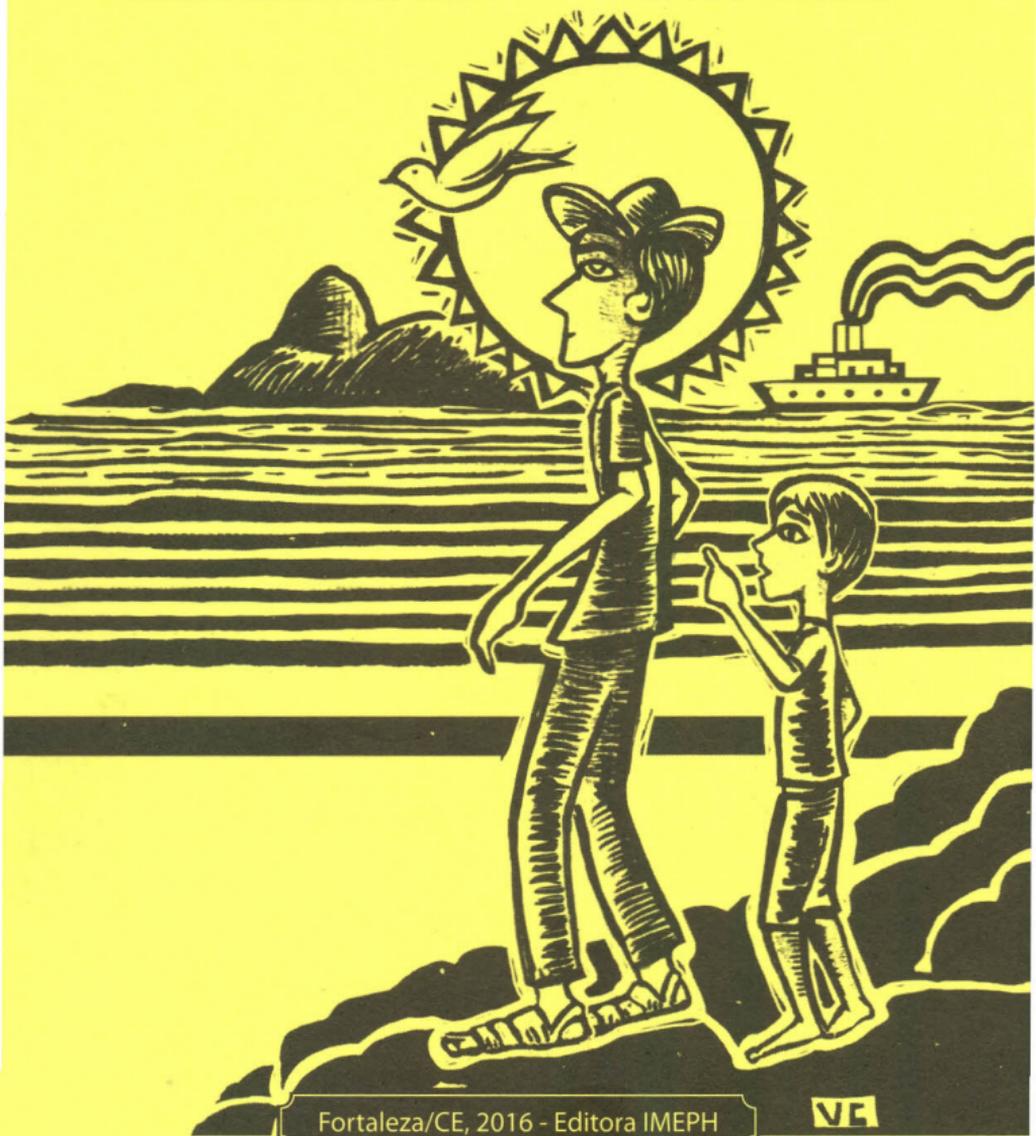


A VIDA DE CANÇÃO DE FOGO E SEU TESTAMENTO - VOL. 2

Leandro Gomes de Barros

Xilo: Valdério Costa



Fortaleza/CE, 2016 - Editora IMEPH

IMEPH

A VIDA DE CANCÃO DE FOGO E SEU TESTAMENTO - VOL. 2

Leandro Gomes de Barros

Eis o final formidável
Da estória de Cancão
O ente mais trapaceiro
Que houve nesta nação:
Pra ele tudo era fácil,
Sem precisar ser ladrão.

Ficou no outro volume:
O Alfredo e o Cancão
Pedindo esmola ao povo
Para São Sebastião;
Mas o santo nem sequer
Viu a sombra dum tostão.

Ao cabo de quatro meses
Já o vigário cismado
Foi aonde Alfredo disse
Que tinha sido criado;
Lhe disseram que ali
Tempo algum tinha morado.

O padre ficou sem fala
Ao saber daquele horror;
Torceu-se, como serpente,
No mais tremendo furor;
Subiu-lhe o sangue à cabeça,
Quase que dá-lhe o estupor.

Enquanto isso, Cancão
Junto com seu secretário
Sorria, bem satisfeito,
Dizendo: — Que padre otário!
Desta vez nós ensinamos
O Padre-Nosso ao vigário...

Um dia, Cancão de Fogo
Consultou o companheiro
Dizendo: — Somos felizes,
Temos bastante dinheiro!
Já temos mais de três contos;
Vamos ao Rio de Janeiro?

Pode ser que aquele padre
Venha nos incomodar
E nós, estando distantes,
É fácil dele escapar;
Lá comeremos do bom,
Pois temos para gastar.

Alfredo achou muito boa
A ideia de Cancão
E disse: — Vamos, amigo!
Sou ave de arribação;
Aonde não nos servir,
Mudemos de posição.

E seguiram para o Rio;
Como Cancão calculou
Depois de oito ou dez dias
A precatória chegou:
Nem notícias de Cancão
A autoridade encontrou.

Todos dois estavam em Crato.
Cancão disse ao companheiro:
— Saímos de madrugada;
Não se passa em Juazeiro
E vamos, diretamente,
Para o Rio de Janeiro.

Passaram por Pernambuco,
Entraram pela Bahia;
Dez, doze, quatorze léguas
Tiravam eles por dia,
Vendo a hora e o instante
Em que uma onça os comia.

Entraram por matas virgens,
No cipoal intrincado
(Um dormia sobre as folhas,
Outro dormia trepado);
Comiam frutas na mata,
Sempre andavam com cuidado.

Já no estado do Rio,
Um dia, deram uma errada:
Dormiram numa fazenda,
Saíram de madrugada,
Deixaram o caminho certo,
Seguiram por uma estrada.

Cancão disse para Alfredo:
— Ouça aguda e vista alerta
Para evitar sermos pegos
Juntinhos, de boca aberta,
Aonde nós estivermos
Todo perigo é na certa.

E andaram, todo dia,
Não viram uma só morada
(Tinham saído do rancho
À uma da madrugada);
Água achavam, que bebiam,
Porém, o que comer, nada.

À noite faziam fogo:
Um velava, outro dormia;
A onça rosnava perto...
Cancão de Fogo dizia:
— Se está com frio, tem fogo,
Se está só tem companhia!

Às seis horas da manhã
Se levantaram e seguiram;
Eram três horas da tarde
Quando uma casa eles viram;
Cheiro duma feijoada
Chegando perto sentiram.

Cancão lambeu logo os beijos,
Alfredo riu sem querer
E disse para Cancão:
— Agora, vamos comer!
Uma empreitada dessas
Nós não podemos perder.

Era um lugar esquisito,
Somente uma casa havia;
Uma crioula, acolá,
Com quatro filhos vivia;
Dali a catorze léguas
Não tinha uma moradia.

A crioula cozinhava
Era fora do oitão;
E eles viram a panela
Que cozinhava feijão
(A crioula pisava milho,
Tava cozinhando um pão).

Cancão de Fogo chegou,
Cumprimentou-a, contente.
A negra cravou-lhe os olhos
(Parecia uma serpente!);
O Cancão de Fogo disse:
— Eu pensava diferente!

O Cancão de Fogo disse:
— Não podemos viajar;
Vossa excelência me arruma
O que se possa jantar?
Temos dinheiro e pagamos
O que a senhora cobrar!

A negra o olhou e disse:
— Já por ali, vagabundo!
Gente branca, para mim,
É a pior deste mundo;
Você pode ir se danar
E morrer de olho fundo!

Cancão olhou para Alfredo,
O outro compreendeu;
Aquele olhar de Cancão
Alfredo logo entendeu.
De novo olharam pra negra
E ela se enfureceu...

A negra chamou o filho,
Disse: — João, venha cá!
Vá à Baixa do Capim
E mude a cabra de lá
E volte, com muita pressa,
Preciso de você já!

Disse a Cancão e ao outro:
— Vocês, vão logo saindo!
Tem aqui um filho meu
Que mata gente sorrindo!
Eles saíram, voltando
Por onde já tinham vindo.

O Cancão de Fogo disse:
— Nós havemos de voltar!
Para não darmos motivo
À negra desconfiar
Se ela vir por onde vamos
É fácil de nos achar.

Alfredo, então, perguntou-lhe:
— E como se faz agora?
As tripas estão roncando,
A fome já me devora...
O que iremos fazer
Para a negra dar o fora?

Disse Cancão a Alfredo:
— Para poder conseguir
Roubar aquela panela
É preciso você ir
Se esconder detrás da casa
Até a negra sair.

Pra negra sair de lá
Meu plano já está formado.
Faça como estou dizendo
Pro golpe não ser errado;
Vou dizer-lhe, mais ou menos,
O que tenho planejado.

Eu pego aquele moleque
E vou com ele à madeira;
A negra há de vir a mim
E você, não faça asneira,
Pegue a panela com tudo
E saia em grande carreira.

Antes da negra chegar
A minha carreira é feia;
Procure a estrada na frente,
Me espere a légua e meia,
E procure logo o mato
Aonde se bote a ceia!

Alfredo entusiasmou-se
Com o plano de Cancão
E disse: — Aperta esses ossos!
Ês um homem de ação;
Penso até que no diabo
Tu já passaste lição.

De onde estavam escondidos
Viram o moleque passar;
Alfredo correu, depressa,
Para onde tocaiar
A panela que a negra
Tinha de abandonar.

Cancão pegou o moleque,
Deitou-lhe cipó no lombo;
A negra partiu, danada,
Com o bacamarte no ombro;
Cancão soltou o moleque,
Disse: — Com chumbo, não zombo!

A negra ainda atirou-lhe,
Mas o tiro não pegou;
A negra uivava de ira —
E de que forma ficou
Depois que chegou em casa
E a panela não achou?

A negra soltava pragas,
Se rasgava e se mordia;
Puxava, irada, os cabelos,
Babava sangue e cuspia;
Suas pragas reboavam,
Só o eco respondia...

— Ah!, cachorro da moléstia!
Infeliz quem te gerou!
Ladrão, infeliz, infame,
Satanás te batizou!
És o monstro mais nojento
Que nosso mundo criou!

Cancão chegou adiante,
Voltou por dentro do mato
Dizendo, com seus botões:
— Quem morre de fome é pato!
Quem trabalha, Deus ajuda;
O pão é muito barato.

Eu não vou morrer de fome,
Achando onde comer;
Nem ficar de goela seca
Tendo água pra beber;
Não vou andar compassado,
Sendo preciso correr!

Cancão de Fogo saiu
Correndo, sem dizer nada,
Ia por dentro do mato,
Beirando sempre a estrada,
Onde encontrou o Alfredo
Já com a ceia botada.

Era feijão mulatinho,
Com ossada de carneiro;
Cancão acabou e disse:
— Já vi hotel barateiro!
Enche-se bem a barriga
E não se gasta dinheiro.

Os programas de Cancão
Tinha que se apreciar,
Porque o Cancão dizia:
— Nada faz-me admirar!
Aquele que sorrir hoje,
Amanhã tem de chorar.

Bem só pode estar o sol,
Porque ninguém o alcança!
Haja no mundo o que houver,
O sol, lá, nem se balança;
Enquanto a fortuna dorme,
A desgraça não descansa!

Pai e mãe é muito bom,
Barriga cheia é melhor!
A moléstia é muito ruim,
A morte é muito pior...
O poder de Deus é grande,
Porém, o mato é maior!...

Disse Cancão a Alfredo:
— Assim se deve roubar,
Não é crime, nem pecado...
Eu falei para comprar,
A negra não quis vender-me,
Deu-me direito a roubar!

Se ela fosse de acordo
Com o que eu desejava
Não ficava sem comida
E eu, ainda, lhe pagava...
Não açoitava o moleque,
E tudo na paz ficava!

Disse Alfredo: — E eu calculo
O ódio que ficou nela...
Vê o moleque apanhando,
Vê seu fogão sem panela;
Confesso que desmaiava
Só de ver a cara dela!

Depois de terem almoçado,
Procuraram descansar;
Na manhã do outro dia,
Trataram de caminhar;
Mesmo já faltava pouco,
Não queriam demorar.

Afinal, chegaram ao Rio.
Quando estavam hospedados,
Estavam na mesa almoçando,
Chegaram cinco soldados,
Oficiais de justiça
E dois subdelegados.

Alfredo olhou pra Cancão,
Cancão também o olhou
Como quem diz: “— Caro amigo,
A nossa hora soou...
É bom já nos despedirmos
Porque a ‘cana’ chegou!”

Ambos ficaram surpresos,
Mas, sem dar demonstração,
Continuaram comendo –
Cada qual na impressão
Se deveriam fugir
Ou se entregar à prisão.

— Quem é o Cancão de Fogo? –
Um dos homens perguntou.
— Sou eu, respondeu Cancão,
Às suas ordens estou.
— Está preso! – disse um.
O Cancão não se alterou.

O oficial de justiça
Leu, claramente, o mandado.
Então, o Cancão de Fogo
Disse ao subdelegado:
— Dê-me licença almoçar
Que ficarei obrigado!

Toda a gente do hotel
Prestou muita atenção;
Tudo parou o talher
Olhando para o Cancão;
Até as autoridades
Fizeram admiração.

Quando acabou de almoçar,
Pedi a conta e pagou;
Tirou um conto de réis,
Ao companheiro entregou.
Disse ao subdelegado:
— Agora, querendo, eu vou.

Alfredo disse a Cancão:
— É pena ter que deixá-lo;
Lamento, da minha parte,
Em não poder ajudá-lo!
Esta é uma das viagens
Que não posso acompanhá-lo.

Então, disse-lhe Cancão:
— Você faça o que aprover
E veja se pode ir
Ao lugar onde eu estiver;
E, ademais, até um dia,
Quando o governo quiser!

Foi Cancão à chefatura
Para ser interrogado.
Disse o chefe de polícia:
— O senhor é viciado?
Como foi no Ceará
O roubo do delegado?

O Cancão de Fogo disse:
— Eu lá não roubei ninguém!
Fui a um mandado dele,
Ele não deu-me um vintém;
Fiquei, então, com a bengala,
Que não sou pai de ninguém.

Qualquer um faria o mesmo,
Pra qualquer um casacudo!
Não era empregado dele,
Nunca o vi tão carrancudo.
Ia trabalhar de graça?
Sou algum pai de pançudo?

— E cadê os cem mil réis
Lá do subdelegado?
— Vossa excelência crê nisso?
Isso é plano mal traçado;
Quem é que dá cem mil réis
A quem está denunciado?

— E a roupa do alferes
Que vossa mercê carregou?
— Foi para me defender;
Foi isso que me salvou...
Ele, pra que me prendeu
Quando ninguém o mandou?

Disse o chefe de polícia:
— O levem para a Marinha!
O Cancão de Fogo disse:
— Essa vontade eu já tinha;
A desgraça ia em viagem,
Quando a fortuna já vinha!

— Tomara que me aceitem —
Disse ele ao delegado.
— Há tempos que esperava
Este momento chegado;
Espero que não descubram
Que eu sofro de puxado...

Então lhe disse o polícia:
— Sinto muito, meu rapaz!
Esta história de puxado
É um plano bem sagaz...
Mas, desculpe que lhe diga,
Seus truques não pegam mais!

Mas um médico da Marinha
Estava na ocasião;
E o recusou, por doente
Da laringe e do pulmão;
Achou ser uma injustiça
Não se proteger Cancão.

Às quatro horas da tarde
Cancão de Fogo voltou,
Dizendo: — Bendito seja,
O que me denunciou...
Há males que trazem o bem,
Como este agora chegou!

O TESTAMENTO DE CANCÃO DE FOGO

Nesta história, o leitor viu
Quem era Cancão de Fogo;
Era aquele que dizia:
— A vida é o mesmo que um jogo...
Pra morrer não falta tempo,
Pra dar não precisa rogo.

Roubar a quem tem demais
É forma de caridade;
Tirar dez de quem tem vinte,
Está na regularidade!
Quem não precisa de tudo,
Basta ficar-lhe a metade.

Da forma que vai o mundo
Só poderá triunfar
Aqueles que têm astúcia
E não se deixam enganar;
No mar da vida, se afoga
Quem nunca soube nadar.

Foi o que Cancão de Fogo
Disse na hora da morte:
— A fortuna tem o peso
Que tem a tirana sorte;
A desgraça, quando vem,
Não respeita quem é forte!

Quando ele viu que morria
Chamou a mulher pra junto
E disse: — Minha mulher,
Não precisa chorar muito...
Não há tempo mais perdido
Do que chorar por defunto!

Disse um filho: — Vou chamar,
Com pressa, um facultativo;
Ali tem um médico bom,
Inteligente e ativo!
Disse Cancão: — É asneira,
Dar remédio a quem está vivo.

Inda que ganhe, esta vez,
Doutra tenho que perder...
Porque o poder celeste
Não podemos inverter;
É este o lema da Terra:
Nascer, criar-se e morrer!

Agora, depois de morto,
Você o mande chamar;
Pergunte quanto ele quer
Para me ressuscitar
E diga logo: "Só pago
Se meu pai se levantar!"

— Isto, não! – disse-lhe o filho.
Morrendo, aí se liquida!
Disse-lhe Cancão: — Meu filho,
Isso é coisa conhecida...
E o que expulsa a morte
Não faz com que volte à vida!

A pessoa que tomar
Remédio pra não morrer,
É como quem salga carne
Depois de apodrecer...
É rezar para São Bento
Depois de cobra morder!

Chegou um frade e lhe disse:
— Venho ajudá-lo a morrer.
O Cancão de Fogo disse:
— Tenho que agradecer;
Deite-se aí, para um canto,
Cuide logo em se torcer.

— Torcer como? – disse o frade.
Disse Cancão: — Meu amigo,
O senhor não vem morrer
Para ir junto comigo?
O padre respondeu: — Vôte!
Um burro é quem vai contigo!

O Cancão de Fogo disse:
— Se eu não estivesse prostrado,
Você tinha que sair
Cortês e civilizado,
E só entraria em casa
Depois que fosse chamado.

Porque, pra eu liquidar-me,
Não preciso de vigia;
Embora, depois de morto,
Leve a minha companhia...
Porque o defunto é cego,
Só anda se tiver guia!

— Meu irmão - lhe disse o frade -
Eu vim aqui exortá-lo:
O inferno está aberto,
E o diabo a esperá-lo...
As chamas do purgatório
Estão prontas pra queimá-lo!

Eu entrei em tua casa
Foi para te confessar,
Pois levas grandes pecados
Para o leito tumular...
Vim salvar-te do diabo,
Pra ele não te levar!

Disse-lhe Cancão de Fogo:
— Frade, quero que me dê
Explicações do inferno;
Lhe peço, como mercê,
No inferno inda haverá
Um diabo como você?

Eu não mandei-o chamar,
Nós não temos amizade;
Eu nunca quis relações
Com cigano, nem com frade...
Apenas tenho a dizer-lhe
Dane-se, por caridade!

O frade saiu dali
Se benzendo, amedrontado,
Dizendo: — Aquilo é o cão,
Em um ente transformado...
Me valha o rosário bento
E o madeiro sagrado!

Cancão chamou a mulher,
A quem tinha estimação,
Disse: — Não chore, mulher,
Por minha consumação...
Reze para encontrar outro
Marido como Cancão!

Agora, quero que chame
O juiz e o escrivão;
De alguns bens que me restam
Vou fazer a doação...
Vou fazer, publicamente,
Minha recomendação.

Entrou em casa o juiz
Junto com o tabelião;
Foram logo para o quarto
Onde estava o Cancão.
O juiz disse: — Aqui estou,
À sua disposição.

Disse o juiz: — O senhor
Tem uns bens para deixar?
— Sim senhor - disse Cancão -,
Eu não os posso levar;
Se alguém quiser ir comigo,
Tem um bom frete a ganhar.

Disse o escrivão: — Não brinque,
Repare que a morte é crua.
— Pode até ser cozinhada,
Pode vir vestida, ou nua;
Eu brinco cá com a minha,
Você lá respeite a sua.

O juiz lhe perguntou:
— Você não tem dois sobrados?
Quer deixá-los a alguém?
Disse Cancão: — Tão vexados?
Ou vocês são dois gatunos
Ou são filhos abastados?

Disse o juiz: — Ora, essa;
Entenda essa charada!
Gente em casa, me esperando,
E o senhor dando maçada?
Eu fazendo falta lá
Devido à sua embrulhada?

Disse Cancão: — Meu amigo,
Você, assim, não vai bem;
Vexames fazem fadigas...
Difícil escapar alguém;
Padre, juiz, escrivão,
Não fazem falta a ninguém!

Portanto, não tenho pressa
Para lhe dar atenção!
Mas, depois de tudo feito,
E de nossa transação,
O senhor dirá, consigo:
“Como é bondoso o Cancão!”

Puxou um papel lacrado
De dentro do travesseiro
E o entregou ao juiz.
E disse: — Veja primeiro!
Veja quem eu constituo
Como meu testamenteiro.

Sessenta contos de réis
Que tenho depositados
No banco nacional;
Três casas e dois sobrados,
Estão fora do testamento:
Serão inventariados.

O juiz, bem satisfeito,
Virou-se em contentamento;
Sua voz ficou macia,
Quase dá-lhe um passamento
De ver seu nome gravado
Nas folhas do testamento:

“A doutor João de Cerqueira,
Escrivão dos testamentos,
Deixo, em Belo Horizonte,
(Na Praça dos Sacramentos),
A casa número cem –
Com quinze compartimentos”.

“Ao doutor João Lira
Eu deixo (em Cantagalo),
A casa número seis,
Na rua de São Gonçalo
E o Sítio dos Ausentes,
Na Capital de São Paulo”.

Disse o juiz: — Oh, senhor,
É muita dignidade!
O senhor dar tanta coisa
Por sua livre vontade,
A mim e ao escrivão,
Isso é muita bondade!

— Não, doutor - disse Cancão -,
Meus filhos ficam aí;
Podem precisar, um dia,
E os senhores são daqui.
Disse o doutor: — Precisando,
Já sabe que eu moro ali.

Saíram, numa palestra,
O doutor e o escrivão
Dizendo, um para o outro:
— Foi sublime aquela ação!
Só nós dois nos livraríamos
De um calote de Cancão.

— Morreu o Cancão de Fogo! -
A mulher participou.
Poucos minutos depois,
O juiz se apresentou;
Daí a uns dez minutos,
O tabelião chegou.

Disse o juiz à mulher:
— Seu marido já morreu...
Com relação ao enterro
Deixe, que quem faz sou eu;
Eu não quero que despenda
Um tostão do que é seu!

Fique com esta importância,
Porque talvez necessite!
Mandou fazer catacumba,
Foi quem fez todo o convite.
Disse à mulher do Cancão:
— Com a senhora estou quite.

Depois de quarenta dias
Que Cancão tinha morrido,
Procedeu-se o inventário.
Foi tudo bem dividido;
Filhos e mulher de Cancão,
Cada qual foi bem servido.

O juiz, depois, pensou
Que havia precisão
De exigir a escritura
Da família de Cancão;
Chegando lá não encontrou
Quem desse definição.

Mas, depois, disse consigo:
— Eu tenho provas legais;
Prova como o testamento,
Não precisa nada mais...
Tratou de pegar o trem,
Partiu pra Minas Gerais.

Saltou em Belo Horizonte,
Foi ao hotel, almoçou;
Indagando aonde era,
Uma pessoa ensinou:
A rua até era perto,
Num instante ele chegou.

Quando o doutor viu o prédio
Sorriu-se aí, de contente;
Examinou-o por fora,
Achou-o muito excelente:
Tinha cem palmos de fundo
E setenta e dois de frente.

Então, batendo na porta,
Com pouco, um homem chegou.
— Que deseja, cavalheiro? —
O homem o interrogou.
— Sou o dono deste prédio!
Aí, o homem o fitou.

— De qual prédio, meu senhor?
— Deste aí, em que você mora!
— Isto é conto de vigário?
É cedo, inda não é hora!
Aí, bateu o postigo,
Nem falou mais, foi-se embora.

O doutor João Cerqueira
Disse: — Momentos danados!
Ficou possesso de tudo;
Porém, minutos passados,
Foi ao cartório e mandou
Dar busca nos registrados.

Foi ao cartório e bateu,
Saiu o tabelião;
O doutor disse: — Me consta
Que o colega é escrivão
E eu venho em seu cartório
Decidir uma questão!

E puxou, ali, do bolso,
Os papéis do testamento
E disse: — Colega, veja
Se acha este apontamento...
Veja se não é legal
Todo esse documento!

Encontraram a escritura
Da casa já referida,
Vendida pelo doutor
Felix Teixeira Guarida,
Comprada por uma órfã
Da viúva Margarida.

— Colega, como foi isso? —
Pergunta o tabelião.

— Foi um conto do vigário,
Passado por um ladrão!
Disse o tabelião: — Esse
É igualmente a Cancão...

— Pois foi esse tal Cancão,
Que mora no Rio de Janeiro!
Disse o tabelião:

— Esse é um estradeiro...
Quando ele era pequeno
Roubou este mundo inteiro!

Aqui mesmo, uma vez,
Numa noite de São João,
Um ladrão veio roubá-lo
E ele roubou o ladrão...
E o gatuno, por isso,
Acabou-se na prisão!

O ladrão tinha dois contos
Que, de alguém, tinha roubado;
E julgando que Cancão
Fosse um vendilhão de gado
Foi ver se passava o quengo,
Mas foi quem saiu quengado!

Disse o gatuno ao Cancão:
— Patrão, eu tenho dinheiro!
Desejava fazer sérias
Transações com o vaqueiro.
Disse Cancão: — É preciso
Que eu examine primeiro...

O ladrão ficou imóvel;
Ficou bastante assombrado.
O Cancão de Fogo disse:
— Ladrão, eu sou delegado;
Desde as três horas da tarde
Que tenho sido avisado...

O ladrão aí ficou
Sem saber o que fizesse...
Pensou: "Aquele dinheiro,
Se acaso Cancão quisesse...
Seria melhor que ele
Uma escapula lhe desse!"

— Seu moço - disse o ladrão -,
Por vida dos nossos pais,
Pela vida de vossa mãe,
Deixe eu aqui em paz...
Me solte, que lhe prometo:
Nunca hei de roubar mais!

— Aí, tirou o dinheiro
E disse: — Senhor delegado,
Pegue dois contos de réis...
Aceite, do seu criado!
Cancão pegou o dinheiro
E disse: — Vá com cuidado!

Botou-lhe um cerco por fora,
Adiante denunciou-o;
A patrulha foi atrás,
Minutos depois, pegou-o.
O gatuno conheceu
Que outro gatuno roubou-o.

O gatuno confessou
Quando a polícia o prendeu;
Procurando por Cancão,
Ele desapareceu.
O gatuno, na cadeia,
Deu-lhe bexiga e morreu.

Um preto, aqui fazendeiro,
No tempo da escravidão,
Botou-o como empregado
E ele, na ocasião,
Foi a um comprador de escravos
E, lá, vendeu o patrão!

Meteu o cobre no bolso,
E ninguém o pode achar;
O preto viu-se apertado
Pra se desembaraçar.
O que Cancão tinha feito,
Deu trabalho desmanchar.

Passou quengadas enormes,
Com tanta facilidade!
Então, nas empresas dele,
Tinha tal felicidade
Que nunca pode cair
Em poder da autoridade.

Eu não sei como o colega
Mora no Rio de Janeiro.
Não sabia que Cancão
Era o maior estradeiro?
— Estradeiro não, ladrão!
Um falsário verdadeiro!

Também o doutor Cerqueira
Ficou encolerizado.
Passou em Belo Horizonte
Uma noite incomodado
Pelo conto do vigário
Que Cancão tinha passado.

Dizia: — Sou escrivão,
Nunca roubei um vintém!
Trinta, quarenta mil réis
Não é roubo de ninguém...
O roubo que eu considero
É o que passa de cem!

E eu, fazer o enterro
Do diabo do ladrão?
Gastei seiscentos mil réis
Sem a mínima precisão...
Dei sepultura ao gatuno,
Como se fosse um barão!

Raios te parta, danado,
Deus há de ti castigar!
O prejuízo que tive,
No inferno há de pagar!
Tenho fé na providência
Que lá irás amargar!

Quase trezentos mil réis
Nesta viagem gastei!
Quando o diabo morreu,
Quantas passadas eu dei!
Gastei meu tempo e dinheiro,
Veja agora, o que lucrei?

Também voltou, apitando,
Com a carranca mais feia.
Chegou em casa, deitou-se
E não quis saber de ceia;
E lá soube que o juiz
Já tinha ido à cadeia.

Porque fora em Cantagalo
Ver a casa que herdou
Na rua de São Gonçalo
(A dita casa encontrou:
O morador era o dono,
E o juiz o intimou).

Como o dono não saiu,
Botou-o a pulso pra fora;
O homem foi à polícia
Prendeu-o na mesma hora.
O botaram num asilo;
Quase que não vai embora!

O escrivão, logo cedo,
Foi na casa de Cancão
E disse para a mulher:
— Seu marido era um ladrão!
Depois de morrer, roubou-me,
Eu sendo dele escrivão.

A senhora viu a casa
Que ele pra mim deixou?
Sendo a casa duma órfã
Que o diabo não comprou?
Disse a mulher de Cancão:
— Doutor, ele não levou...

O meu marido deixou
O prédio, que o senhor diz;
Deixou vinte e seis estados
Que tem o nosso país...
Ficou para quem quisesse,
Ele nada disso quis!

O doutor corou, e disse:
— Também garanto à senhora;
Se Deus botá-lo no céu,
Pode esperar pela hora
De uma quengada dele,
Que bota até Deus pra fora!

Porque eu nunca achei
Ladrão fino, como aquele;
Desgraçado do defunto
Que sepultar-se com ele...
Eu acho Cancão capaz
De roubar os ossos dele!

E a senhora, também,
Desculpe a minha ousadia:
Vossa mercê herdou dele
Costume e categoria,
Pois a mulher do filósofo
Aprende a filosofia!

A mulher disse: — Doutor,
Meu marido não roubava!
Mas, com algum escrivão
Que ele se comunicava,
Sendo um pouco inteligente
Muitas coisas decorava.

Ele chamou os senhores
Quando estava aqui, prostrado,
Porque queria imitar
O Cristo crucificado...
Queria morrer, também,
Com um ladrão de cada lado!

Como sabe, as pessoas,
Estando perto de morrer
Sentem, às vezes, remorso
E temem de se perder;
Dizem que, no outro mundo,
A pessoa há de sofrer...

O doutor não viu o frade
Vir também, por sua vez?
E não viu o meu marido
Que barulho logo fez?
Disse: "Eu chamei dois ladrões,
Pois não preciso de três..."

Aí, lhe disse o escrivão:
— Dê licença, eu vou embora...
Sou obrigado a dizer
Que tenho medo da senhora.
Eu acho vossa excelência
Capaz de vender-me, agora!

— Até logo, seu doutor! –
Disse a mulher de Cancão.
Aqui fico às suas ordens,
Se acaso houver precisão;
Tem uma criada, aqui,
À sua disposição.

— Dana-te, cachorra doida! –
Disse o escrivão correndo.
O diabo é quem vem mais cá,
Ainda estando morrendo.
O quengo do teu marido
Parece que em ti estou vendo!

Fim



Leandro Gomes de Barros, pioneiro na publicação de folhetos, nasceu em Pombal – PB, no dia 19 de novembro de 1865 e faleceu em Recife – PE, no dia 4 de março de 1918. Estima-se que sua vasta produção literária, iniciada em 1889, no estado de Pernambuco, atinge cerca de 600 títulos, dos quais foram realizadas mais de 10 mil edições. Após sua morte, em 1918, seu genro Pedro Batista continuou editando a sua obra em Guarabira – PB, fazendo algumas revisões de linguagem.

Em 1921 ocorreu a venda dos direitos autorais de Leandro, pela viúva do poeta (dona Venustiniana Eulália de Barros), a João Martins de Ataíde que passou a publicar os folhetos omitindo nas capas o nome do autor e alterando o acróstico final de muitos deles. Os folhetos e romances de Leandro que compõem esta coleção estão entre os grandes clássicos de sua produção e da literatura de cordel de todos os tempos.



Rua Carlos Vasconcelos, 1926 - Aldeota
60115-171 - Fortaleza - Ceará - Brasil - 85 3261.1002
www.imeph.com.br - imeph@imeph.com.br



BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br).